
Stencil como arte vívida

*Isabela Frade**

Estamos imersos em um ambiente onde o signo tem muito mais valor que o real. A cidade, em sua polifonia dissonante, vai gerando espaços onde sinais e marcas e discursos fervilham. Sentimos a ondulação do espaço liquefeito se conformando em fluxos de imagens. Nesse contexto, o artista é posto à prova como aquele que vai gerar sentido, que vai propiciar a parada marcante, o encontro significativo. Que seja por um só instante, como é o caso do grafiteiro que coopta o sujeito em seu *rush* cotidiano, interceptando-o em seu trajeto ordinário. “Arte Ordinária”, aquilo que está no espaço do comum. Ozi brinca com essa ideia porque o que ele mesmo vai gerar é o extraordinário engravado no vulgar e, especialmente ele, tão bem humorado no que produz graça mordaz e crítica contundente.

Vivemos em um mundo de telas, das coisas que se fazem unidimensionais. Da planura para a qual converge a realidade, quase toda constituída por representações imagéticas em suas reverberações e espelhamentos. Correntes que engolfam os sujeitos que, nos repuxos de muitos sorvedouros, imergem nesse mar de signos cambiantes. Uma paisagem constituída por várias camadas fluidas de composições iconográficas na qual, entre a revelação e o ocultamento do real, subsistem mil afinidades: criam-se, cada vez mais, novos reflexos em veladuras. Cada uma, mesmo na sua qualidade diáfana, vai ocultando aqui e ali e, ao mesmo tempo, revelando novas e muitas outras coisas. Uma natureza constituída de virtualidades. Um mundo em progressão vertiginosa de desmaterialização. Passamos por esses intrincados campos de atravessamentos e misturas, processados na velocidade alucinante – se pensarmos que circulamos pela cidade rapidamente, sempre com pressa, e cada vez com menos tempo... E nesse mundo onde todo mundo está perdido, aparece o sujeito que brinca com tudo, que disso faz arte.

*Isabela Frade é arte educadora, docente do PPGARTES/UERJ, Procientista/FAPERJ e líder do GP/CNPq OCE - Observatório de Comunicação Estética. E-mail: isabelafrade@gmail.com

Intrépido pervertido trabalha na rasura do projeto da engenharia urbana. Destrói as superfícies limpas caras à estética moderna, colore o cimentado frio e se arrisca ao mais escondido. Realmente não há como não colocar mais um *layer*, mais uma folha, como se fôssemos cumprir esse último desígnio do *stencil* e colocar sobre tudo isso uma última camada de sentido, projetando nele nossas próprias fantasias, fazendo do artista um herói. Fazemos isso pela delícia que é vê-lo atuar nesse meio e o seu perito controle – mesmo que precário – que obtém ao produzir arte no mergulho nesse redemoinho de imagens. Romantizado por seu desaparego, por sua disposição e coragem. E quantos são feitos correndo riscos de várias ordens: estão em lugares proibidos, ou quase inacessíveis – uma regra para o picho – primordial parte do virtuosismo vigora na inteligente proeza.

Em uma apresentação cuidadosa, ritmada em uma escrita vibrante, Rachel Souza cuida disso no sentido do simples e justo, no pensamento conciso, perspicaz, construindo uma narrativa emocionante. Envolvente. Ela absorve o clima do próprio objeto de estudo, apresentando um caráter de suspense gradativo, raro feito em uma dissertação acadêmica.

Então, nessa leitura, eu entendo o estencileiro como alguém que gera um corte na balbúrdia urbana. Ele gera uma contraordem, produz linguagem. Ele vai ao vazio, ao nada do entendimento e cria ali um vórtex de semiose, lépido movimento de organização de sentido. Ele se impõe, ele tem um projeto de subversão. Como ele está aqui e ali reunindo informações, coletando os fragmentos do que se quer identificar, comunga identidade com o livre processo *bricoleur*. E em trato de colagem e dos palimpsestos de muro, na tática agressiva do plano da antiengenharia, ainda segue mais além. Pode sair da calçada e entrar no cubo branco, onde você o percebe angustiado e ainda questionador. Ali ele agora começa a se legitimar como artista e mede esse peso do sistema. Quando eles são convidados para pintar uma fachada de um castelo na Europa (Gêmeos) e fazer quadros nas galerias, eles se aproximam de uma inversão de propósitos. Podem mesmo servir apropriadamente para decoração de ambientes. Mas nem sempre é assim inconciliável: na “vandalice” apontada em Ozi, ainda podemos sentir um desejo de dominação do espaço urbano, do modo como nele nos comunicamos e isso de um modo bandoleiro.

Sua pesquisa indica “a tribo.” Mesmo que dentre eles estejam os rebeldes sem causa, se fazem agentes de transformação, de mudança. Promovem a afirmação do sentido sobre o caos

babelesco da cidade. Na verdade, a tribo vem para produzir o heroísmo da multidão silenciosa. Ela vem jogar tinta, vem riscar a economia do espaço urbano. A tribo trata com os fragmentos das passagens, com os elementos díspares de seu entorno. Daí que se está no fio da navalha que faz sangrar o sujeito na sua integridade. É quando se perde isso que se começa a ser cooptado. E mesmo que Baixo argumente muito bem sobre suas estratégias de conquista do mercado, ele não me comove e eu fico com o Bansk e com o Rato. O empresariado do grafite segue rico, mas sinto, não é feliz.

A categorização do material do levantamento etnográfico gera uma sobreposição de falas e registros. Na colagem dos textos das entrevistas, forma-se uma reunião de estencileiros. É que Rachel Souza é também estencileira e sistematiza ao modo de seu próprio objeto ao jogar com sobreposições. A artista pesquisadora mostra um belo acervo de imagens, parte de sua coleção pessoal. O *Luiz Vitão* do Ozi, por exemplo, é incrível, assim como formas históricas de intervenções de personagens marcantes, como certas obras de Le Rat, Vallauri.

Essas obras perpassam entre os grafiteiros. E se já conhecem é porque o trabalho é bom. A jogada é sempre divulgada, circulando para além daquele campo da feitura. Há entre os artistas, um fluxo interno, um rio subterrâneo de imagens. Um dos entrevistados declara que há sempre um lance de troca. O grupo se conforma em uma tribo animada e vibrante, diversa e heterogênea. Todos exibem forte personalidade. Cada um se posta em suas diferenças: Baixo, Ozi, Gitahy e Melin. Fica um delicioso mistério sobre quem são eles, mesmo assim... porque nós não os conhecemos e a pesquisa vai também abrir essa artilosa figura do grafiteiro ao apresentar alguns de seus atores. E quem será ela mesma, pessoa, sem o papel de artista? Esse jogo da representação do aventureiro da urbe ainda se contrai em encantamento.

A dissertação possui esse formato de cumplicidade com o leitor, opera como em um diálogo. Mais uma identidade partilhada com seus objetos... Bem, mas nem é mesmo assim para compor esse enlace envolvente, porque o *stencil* é agressivo, ele nos intercepta o caminho, agride. Ele não apresenta o papel comunicativo relacional da arte pública de novo gênero. Ele merece uma categoria à parte, algo que indique sua comunicação em urgência. Sua rapidez na qualidade desviante. Seu caráter anônimo. E o fato de nosso herói ser também um homem (ou mulher) desprezível.

Ele mexe com a "pele do mundo". Rasga a uniformidade e macula o desejo da pureza e da ordem. Ao mesmo tempo em que ativa o espaço, ele o lança para mais afora, projeta-o para uma comunicação mais ampla. E é exatamente quando fala com toda/por toda a tribo e coopta o passante, tornando-o mais um na partida. Então por isso, vemos e amamos Bansky, Blek, Gitahy e os Assaro. Eles nos suspendem da pressa louca e nos fazem ver a preciosidade do instante. Este subsiste no encontro da particularidade de cada modo de existência apreendido em sua extemporaneidade contraditória. A vida não é a mesma para todos, mas ela se reproduz, em suas formas em muitos outros lugares, paradoxo tão bem expresso pela arte *stencil*.